

O PROCESSO DE QUEERIZAÇÃO DA PERSONAGEM PAUL GRAPPE EM *DEGENERADO*, DE CHLOÉ CRUCHAUDET

*Fabício Batista de Sousa*¹
*Ildney Cavalcante*²

RESUMO

O surgimento de narrativas gráficas *queer* é um marco importante na expansão e diversificação no meio dos quadrinhos. Estas têm o poder de representar e dar voz a subjetividades não-normativas, trazendo à tona histórias e experiências que muitas vezes foram ignoradas ou negligenciadas pela sociedade heteronormativa. Com isso, o presente trabalho objetiva-se apresentar o processo de queerização da personagem Paul Grappe, protagonista da narrativa gráfica *Degenerado* (2013), de Chloé Cruchaudet. Os quadrinhos abordam a história da primeira travesti na França, durante a primeira guerra mundial. Para tanto, utiliza-se como escopo analítico reflexões sobre narrativa gráfica e teorizações *queer*, tendo como base os estudos de Judith Butler (2016) e Monique Wittig (2022). A representação da personagem Paul/Suzanne como um corpo *queer* evidencia que a sexualidade não é uma categorização binária restrita à atração por homens ou mulheres, mesmo diante de qualquer processo de subjetivação.

Palavras-chave: Narrativas gráficas; Subjetividades; Queer.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), fabriciosousacg@hotmail.com

2 Professora e orientadora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), cavalcantiildney@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XX, alguns suportes de mídia aparecem para descentralizar e subverter a condição heteronormativa dos sujeitos, que julgam os corpos por meio de um pensamento heterocentrado. Eles tentam mostrar como outras subjetividades não heterossexuais existem e resistem aos padrões impostos para o sistema sexo/gênero dentro de um determinado tempo e espaço. A partir disso, percebe-se o surgimento de narrativas *queer* com personagens cada vez mais fluídos e questionadores sobre suas identidades, com o intuito de mostrar a existência de subjetividades sexuais desviantes do padrão heterossexual, que existem, resistem e transcendem aos papéis socialmente atribuídos para seu sexo.

Com base nesses pressupostos, o objetivo desse artigo é desenvolver uma análise crítica sobre o processo de *queerização* da personagem Paul Grappe, protagonista da narrativa gráfica *Degenerado* (2013), de Chloé Cruchaudet. A obra ficcionaliza a história da primeira travesti na França, durante a primeira guerra mundial. A autora utiliza uma abordagem baseada em fatos reais, mesclando documentação histórica (relatos e fotografias) com elementos fictícios para embasar a história. Essa abordagem também permite explorar a experiência e os desafios enfrentados pela primeira travesti na França durante a época da guerra, oferecendo uma perspectiva mais subjetiva e individual. De modo geral, Paul Grappe, como chamado em sua identidade masculina, se traveste em Suzanne Langard com a ajuda de sua esposa Louise Landy e deixa de ser o soldado, heroico, viril, tornando-se visivelmente uma mulher que esbanja sensualidade e feminilidade, virando as cabeças de mulheres e homens dos anos loucos em Paris na década de 1920, ou em francês: “les années folles”. A obra aborda temáticas sobre amor, violência, identidade, sexualidade e as relações de gênero no contexto da guerra.

A história de Paul Grappe é real e foi registrada na França através de arquivos, fotos e cartas. Sendo assim, os historiadores Fabrice Virgili e Danièle Voldman, escreveram uma reconstrução desta narrativa no ensaio histórico *La Garçonne et l'assassin*, publicada em 2011, com caráter documental. É interessante perceber que a história invisibilizada de Paul Grappe e Louise Landy esteja recebendo grande atenção de historiadores e artistas quase 100 anos depois de ter acontecido. Isso demonstra o interesse em resgatar e preservar memórias históricas que foram negligenciadas ou ocultadas ao longo do tempo. O fato de que essa história esteja sendo revisitada e transportada em mídias também destaca a importância em dar voz aos menos representados na história oficial, sobretudo, por conta das

suas subjetividades e sexualidades não- normativas, visto que, a obra perpassa por ideias conflituosas de gênero da personagem principal.

Para os interesses deste estudo, em que discute reflexões sobre narrativa gráfica e teORIZAÇÕES *queer* de modo geral, temos como base os estudos de Judith Butler (2008, 2016), Guacira Louro (2004) e Monique Wittig (2022) quanto às noções de gênero e sexualidades na perspectiva dos estudos *queer*.

2 PAUL GRAPPE: GÊNERO E QUEERIZAÇÃO

Os estudos de gênero que surgem como campo de estudos multidisciplinar no começo dos anos de 1970, eclode como uma expressão de questionamentos contra às concepções hegemônicas nas sociedades ocidentais de feminilidade e masculinidade, a fim de desnaturalizar as concepções sobre identidades de gênero e sexuais, contribuindo para o estudo de novas temáticas sobre a presença de sujeitos não-normativos nos escopos das subjetividades. A partir disso, o conceito *gênero*, que surgiu dentro dos precursores movimentos feministas, sendo uma marca da mulher, é configurado como uma categoria que demarcava, inicialmente, os espaços políticos e simbólicos da luta contra a supremacia masculina.

Sendo assim, em meados da década de 1990, o gênero aparece não mais relacionado apenas ao sexo anatômico, e sim envolto de construções socioculturais dos sujeitos e suas subjetividades. Sabemos que binariamente pessoas são identificadas como homens e mulheres e ambos possuem papéis e atribuições diferentes na sociedade. Sendo assim, os padrões culturais são impostos aos gêneros, bem como os comportamentos adequados a cada gênero nas esferas sociais, fazendo com que uma ordem de gênero seja atrelada ao corpo, que se torna refém aos estereótipos ditados pela cultura, quase sempre heterossexuais, como um dogma político e filosófico. Para Wittig (2022)

A consequência desta tendência para a universalidade é que o pensamento hétero não pode conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordenaria não só todas as relações humanas, mas também a sua própria produção de conceitos e todos os processos que escapam ao consciente. Além disso, estes processos inconscientes são historicamente cada vez mais imperativos naquilo que nos ensinam sobre nós próprio(a)s através da instrumentalidade dos especialistas. (Wittig, 2022, p. 04)

No final da década de 1980, para descentralizar o pensamento hétero, surge a *Teoria Queer*³ com o intuito de refutar as concepções do sistema hegemônico sobre gênero/sexo ao acreditar que existe uma ordem social em que a heterossexualidade é um mecanismo crucial para organização da vida em sociedade. Uma das pioneiras dos estudos queer é Judith Butler, que aprofunda as discussões sobre identidades visto que elas são construídas nas/pelas experiências culturais, e não apenas por um gênero masculino e feminino.

Simone de Beauvoir (1941) diz que as pessoas têm o direito à autodeterminação e à liberdade de fazer suas próprias escolhas sobre sua vida e seu destino. Ela acreditava que o exercício da liberdade era fundamental para superar as limitações impostas pela sociedade e pelas normas culturais, permitindo que cada pessoa se tornasse dona de si mesma. Com base nessa abordagem existencialista de Beauvoir (1941), Butler (2016) argumenta que a identidade de gênero é maleável, pois os atos, gestos e atuações do indivíduo são performativos, eles criam a ilusão de um núcleo de gênero interior e organizador. Sendo assim, tanto Beauvoir como Butler argumentam que o sujeito não tem substância e essência, mas uma produção de efeito de discursos. Comportamentos e aparências tornam-se imposta por estruturas invisíveis na sociedade. Em outras palavras: gênero é performativo.

Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero* (2016), destaca que o gênero não é uma característica fixa e inata, mas algo construído socialmente através das interações e da assimilação de normas e valores culturais. As definições de gênero estão relacionadas às expectativas e pressões sociais impostas às pessoas para que se enquadrem em determinados comportamentos, papéis e identidades generificadas. No entanto, a compreensão e a experiência de gênero são individuais e podem se situar em um espectro mais amplo do que apenas os estereótipos tradicionais de masculino e feminino. Os sujeitos *queers*, que transitam entre os gêneros e sexualidades não-normativas são classificados como “estanhos”. Segundo Louro (2004)

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, dos “entre lugares”, do indecível. Queer

3 O termo foi inicialmente utilizado por Adrienne Rich, feminista norte-americana, em um ensaio intitulado “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence”, que foi publicado pela primeira vez em 1980 e republicado em 1986.

é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.
(Louro, 2004, p. 7-8).

Na verdade, o termo *queer* surgiu originalmente como um insulto pejorativo usado para se referir a pessoas LGBTQIAP+⁴. No entanto, ao longo do tempo, a comunidade reapropriou o termo como uma identidade empoderada. O uso de *queer* como uma identidade não-binária está relacionado ao questionamento e desafio das normas regulatórias de gênero e sexualidade. Pessoas que se identificam como *queer* podem não se enquadrar completamente nas categorias tradicionais de masculino e feminino. Por meio da crítica, a Anzaldúa (2009) enfatiza que a palavra *queer* é usada como um termo *guarda-chuva* unificador sob o qual “queers” de todas as raças, etnias e classes são enfiadas. Ao se identificarem como *queer*, as pessoas estão expressando uma rejeição às limitações impostas pelas normas sociais de gênero, bem como uma afirmação de sua diversidade e individualidade.

Com isso, a definição de *queer* combina com o percurso da nossa personagem nos quadrinhos, em que ela transita entre os gêneros e sexualidades, buscando nova possibilidade de ser e estar no mundo. No contexto da história, a personagem explora sua identidade de forma fluida, questionando as categorias binárias de gênero e rompendo com as expectativas sociais (feminino e masculino). Diante das situações e do contexto, Paul Grappe desmascara normas de gêneros e sexualidades ao se permitir vivenciar diferentes expressões de gênero e ter relacionamentos com pessoas de diferentes orientações sexuais. Essa *queerização* da protagonista mostra como o trânsito entre o masculino e feminino pode ser evidenciado mesmo em um cenário de guerra.

O processo de *queerização* de Paul Grappe gira em torno do seu travestimento, pois a personagem começa seu processo de travestilidade utilizando as roupas femininas de sua esposa Louise Landy. Ele adota características femininas no seu vestuário, cabelo e maquiagem, e passa a se apresentar como mulher em diferentes espaços atendendo pelo nome de “Suzanne Landgard”. Travestido por necessidade, sua transição de Paul para Suzanne borra o padrão/normativo da sexualidade hegemônica, assim, desestabilizando os dispositivos dos papéis de gênero e de sexualidade tradicionais (masculino/feminino/heterossexuais).

⁴ LGBTQIAP+ é uma sigla em constante evolução que abrange várias identidades e orientações sexuais. Ela continua a se expandir e se atualizar à medida que novas identidades e orientações sexuais são reconhecidas e incorporadas à comunidade. As letras da sigla representam diferentes grupos: L para lésbicas, G para gays, B para bissexuais, T para transgêneros (transexuais e travestis), Q para queer, I para intersexuais, A para assexuais, P para pansexuais. O sinal de “+” no final da sigla é colocado para incluir outras diversidades de gênero e sexualidades que não são especificamente mencionadas antes da sigla.

De maneira geral, quando se discute o conceito de *travesti*, muitos estudiosos o associam à homossexualidade, considerando as travestilidades predominantemente como expressões de identidade de gênero de homens gays, no entanto, essa análise adota uma abordagem diferente, a figura travesti é analisada independentemente da homossexualidade. Nessa perspectiva, o conceito de travesti é considerado dentro das discussões sobre travestilidades, que englobam uma gama mais ampla de subjetividades. Aqui, a travestilidade é entendida como uma forma de expressar e vivenciar a identidade de gênero oposta, que pode ou não estar associada à orientação sexual.

Figura 1 - A primeira imagem retrata Paul Grappe. A segunda imagem mostra Louise, Paul e um possível filho do casal. A terceira imagem apresenta Suzanne Langard.



Fonte: Roendo livros – blog.⁵

O processo de performatividade de Paul Grappe não é apenas uma mera mudança de aparência externa, mas envolve uma identificação profunda com o gênero feminino (figura 1).

Ao performar a figura feminina, Suzanne Langard quebra os estereótipos de gênero, demonstrando que não é algo fixo e binário, pois foge do sistema produtivo que regula os corpos para performatizarem o roteiro de destino ao seu sexo biológico. Nos estudos de Butler (2016), ao desmistificar o sexo e o gênero, a filósofa busca desconstruir as noções binárias e normativas de masculinidade e feminilidade, logo, o corpo é visto como *locus* produção de modos de vida, *performativamente* construídos. Dessa maneira, Butler constrói a noção de “normas

5 Disponível em: <https://www.roendolivros.com.br/2020/12/degenerado-chloe-cruchaudet.html>. Acesso em junho. 2023

regulatórias da sociedade”, já discutida por Foucault (1988) por meio de *discursos reguladores*.

As discussões de Butler têm caráter político, tendo em vista que as identidades de “homem” e “mulher” passam a ser questionadas dentro do escopo das subjetividades, com o embasamento de que o corpo não é apenas um dado natural, mas sim uma parte integrante do processo de formação de identidades e subjetividades. Ela sugere que o gênero é produzido e mantido por meio de práticas disciplinares, tais como normas, instituições e discursos. Os corpos sofrem os efeitos da linguagem, pois ela desempenha um papel fundamental nesse processo, já que é através dela que os discursos normativos são construídos e perpetuados. Dessa maneira, identidades de gênero são produzidas discursivamente, sem que exista uma conexão fixa com o corpo, logo, corpos masculinos apresentam características ou expressões femininas e que pessoas com corpos femininos apresentem características ou expressões masculinas.

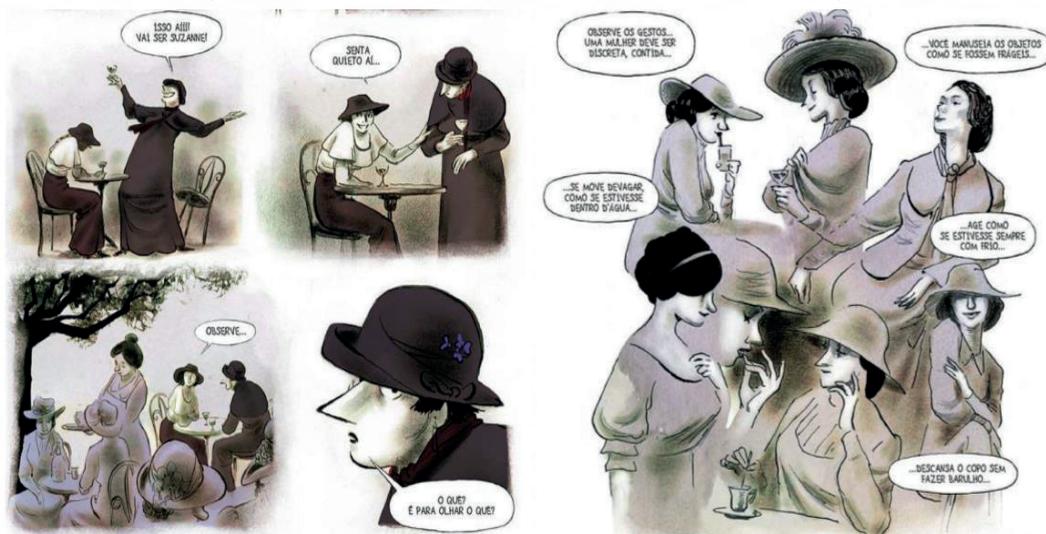
3 DEGENERADO EM QUADRINHOS

Degenerado (2021), de Chloé Cruchaudet, foi traduzido por Renata Silveira e publicado pela editora Nemo. O termo empregado ao título, *Degenerado*, é uma palavra pejorativa que descreve uma pessoa que se desviou moralmente, socialmente ou mentalmente do padrão considerado normal ou aceitável pela sociedade. Historicamente, o termo *degenerado* foi amplamente utilizado no contexto da eugenia, movimento que buscava promover a purificação da raça humana através da seleção e eliminação de características consideradas indesejáveis. Foucault afirma que a degeneração é a peça teórica maior da medicalização do anormal (Foucault, 2001, p. 401).

Nos quadrinhos, Paul, que se torna Suzanne Landgard representa um indivíduo que desafia a normatividade de gênero, representada na (figura 2). O processo de queerização da personagem começa quando Paul decide se travestir de mulher para que as pessoas não consigam identificá-lo, visto que sua condição era de um soldado fugitivo, um desertor⁶. Então, nesse momento, a mudança de gênero está relacionada como uma estratégia de fuga, o que faz sua travestilidade não está ligada à sua orientação sexual. Nesse momento, percebe-se uma crise de masculinidade, talvez induzida pela Primeira Guerra Mundial, pois a brutalidade e o

6 Um desertor é alguém que abandona ou foge de seu dever, compromisso ou responsabilidade. O termo é frequentemente usado para descrever um indivíduo que abandona o serviço militar ou militar - um soldado que foge ou se recusa a cumprir o serviço ou se apresentar para o dever designado. No contexto militar, desertar é considerado um crime.

Figura 3- Primeiro passeio de Louise Landy e Suzanne Langard



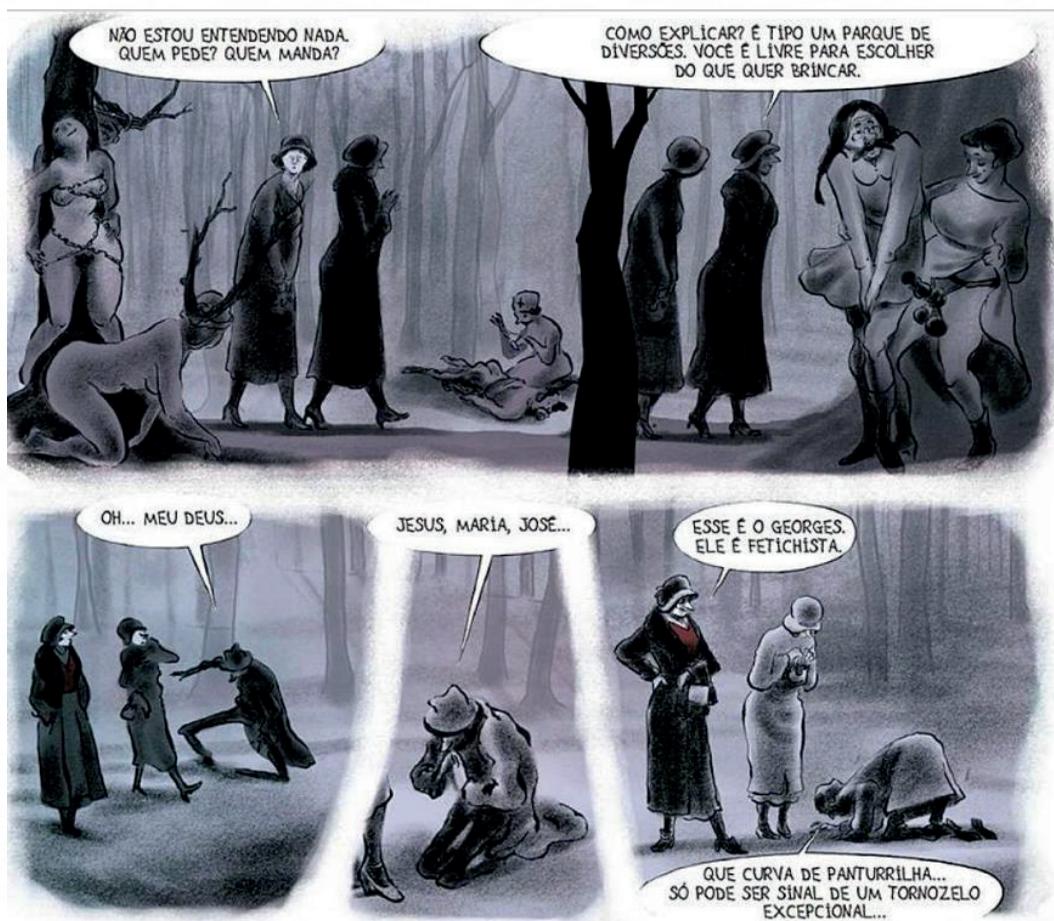
Fonte: Cruchaudet, 2020, p.62-63.

Na (figura 3) mostra a primeira vez que Louise e Suzanne vão a um local público juntas pela primeira vez. A imagem mostra o momento em que Paul escolhe seu nome feminino (Suzanne) para ser utilizada a partir de então, mas Louise muito cuidadosa tenta conter sua euforia, para que ninguém descubra que ela nada verdade é o desertor Paul. Então, Louise pede para que Suzanne observe os comportamentos das mulheres ao seu redor, no lado direito da figura são explicados por meio de balões de fala sucessivos dizeres de como fazer para ser mulher “- observe os gestos... uma mulher deve ser discreta, contida...” ; “- você manuseia os objetos como se fossem frágeis. Este exemplo mostra as regras de conduta praticadas pelas mulheres são impostas e transferidas umas às outras, de modo que elas (inconscientemente) perpetuam essas próprias normas.

Butler (2016) argumenta que a forma como nos vestimos não deve ser usada como base para determinar o gênero de alguém, pois o gênero é uma construção fluida e que não pode ser reduzido a roupas ou aparência física. No entanto, essas características estereotipadas de gênero fazem parte de imposições sociais e que se baseiam em estereótipos e expectativas culturais. Durante os primeiros meses em que Louise e Paul vivem juntos como casal, ambos preenchem as características físicas associadas ao seu sexo biológico. Louise se comporta e se veste de acordo com a imagem da mulher dentro dos padrões tradicionais de beleza feminina, usando roupas femininas e maquiagem, e as ações e aparência de Paul está de acordo com a imagem do homem tradicional, usa roupas masculinas e mantém barba aparada.

A relação do casal de Paul e Suzanne é marcada por conflitos e desafios depois que Paul se traveste de Suzanne e passa a receber o vermelho nas suas vestimentas. A revelação da identidade secreta de Paul causa uma série de problemáticas na relação dos dois, gerando discussões e tensões. O processo de queerização de Paul para Suzanne abala a confiança mútua da relação, pois para Louise fica difícil compreender e aceitar plenamente a forma encontrada por Paul para expressar seu gênero, isso gera sentimentos de inadequação e ciúmes. A história de Suzanne após conseguir anonimato nas ruas de Paris é uma jornada pessoal e complexa que pode levar a diferentes caminhos. No contexto descrito, ela opta por seguir uma vida de prostituição e se envolver com pessoas de vários gêneros. Na (figura 5) mostra o momento em que, por curiosidade, Louise chega ao *Bois de Boulogne*.

Figura 4- Visita de Louise Landy e Suzanne Langar ao Bois de Boulogne



Fonte: Cruchaudet, 2020, p.13. Acervo da autora.

Louise aparece no *Bois de Boulogne*⁷ com expressões de assombro ao começar compreender o local onde Suzanne estava levando-a: “- Não estou entendendo

nada. Quem pede, quem manda?” e Suzanne explica; “[...] – É tipo um parque de diversões. Você é livre para escolher do que brincar.”. O intuito de Suzanne ao levar Louise para esse local foi justamente para que ela também fizesse parte desse mundo e para que ela pudesse experimentar e desfrutar das mesmas coisas que Suzanne tanto aprecia. Suzanne quer compartilhar sua paixão e interesse pelo local com Louise, na esperança de que ela possa encontrar a mesma felicidade e satisfação que ela encontra no parque. No entanto, Louise passa a não conceber a ideia, talvez por ser monogâmica e por ter esperança que seu esposo Paul Grappe volte a ser como era antes, pois para ela Suzanne ainda era uma personagem para que ele pudesse viver livre.

É nesse processo que Paul/Suzanne representaria aquilo que Butler propõe ao pensar sobre *disforia de gênero*, quando o gênero se refere à angústia e desconforto que as pessoas experimentam quando não se conformam com as normas e expectativas de gênero impostas pela sociedade. Dessa maneira, a personagem entra em conflito de identidade durante a história, que desencadeia uma série de emoções, como tristeza, confusão e desilusão. A personagem passa por momentos de autodúvida, e a angústia resulta em uma busca intensa por respostas, levando-a a confrontar-se com suas dificuldades e medos.

Um ponto importante no processo de queerização da personagem Paul/Suzanne é quando acontece o processo de Anistia total da guerra pela deserção da lei de 3 de janeiro de 1925 e Suzanne é pressionada a torna-se novamente Paul. Nesse momento, a personagem passa por um momento de questionamento e dúvida em relação à sua identidade. Ela sente-se perdida e confusa sobre como se relacionar novamente com sua identidade masculina. A disforia se faz presente, ao gerar sentimentos de desconforto, insatisfação e estranheza em relação ao sexo que a pessoa foi designada ao nascer. A personagem já havia se acostumado com outra identidade de gênero, e agora se vê perplexa sobre como se reconectar com seu gênero masculino.

Figura 5- Personagem Paul Grappe após processo de anistia



Fonte: CRUCHAUDET, Chloé. **Degenerado**; trad.: Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2020, p.13.

A (figura 5) mostra a primeira aparição de Paul depois de voltar ao seu gênero masculino, ele encontra-se deitado com Louise e sua mente não para de refletir sobre quem ele era antes de Suzanne. Ele passa a ter sonho alucinógenos com sua identidade feminina e sempre acorda apavorado. Com isso, as discussões entre o casal se tornam mais frequentes e mais desgastantes. Ele percebe que Louise não está disposta a ceder ou a tentar entender suas necessidades, é difícil para ele entender por que Louise insiste em querer mudá-lo de volta. Na (figura 5) ela insiste em dizer que o Paul é um pervertido por ainda usar unhas pintadas de vermelho, fazendo-o perder o equilíbrio, por agora, ser uma pessoa livre de imposições sociais para seu gênero. Na última cena da imagem ele está em confronto com Louise e diz: “-*Não entendeu ainda!? - sou livre, foda-se você!*”. O processo do queerização de Paul/Suzanne potencializa a subjetividade do devir, visto que o seu olhar não se volta ao passado, a personagem não consegue ser mais o que era antes, pois visualiza novas possibilidades de ser.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas gráficas são capazes de criar universos fictícios ricos e envolventes, permitindo que os apreciadores da obra mergulhem em histórias imaginárias e se conectem com personagens e histórias de uma forma única. Pela sua complexidade sequencial, elas têm o poder de transmitir mensagens e promover discussões importantes sobre questões sociais, políticas e culturais, muitas vezes de forma inovadora e desafiadora. A narrativa gráfica *Degenerado* (2013),

de Chloé Cruchaudet mostra essa complexidade artística ao transpor a história de Paul Grappe e Louise Landy para os quadrinhos, trazendo ao cerne das discussões problemáticas sobre gênero, sexualidades e os conflitos da guerra.

A personagem Paul/Suzanne que transita entre o masculino e feminino, por sua vez, desafia excepcionalmente as leis de seus gêneros quando destoa de sua masculinidade devido à sua deserção. Cruchaudet ao retratar o corpo *queer* em sua arte, destaca sua existência dentro de uma sociedade que é predominantemente regida por regras heteronormativas. Ela enfatiza a vigilância e o controle social enfrentado pelo indivíduo que não se encaixam nos padrões binários de gênero estabelecidos e possui uma subjetividade não-normativa.

A personagem Paul/Suzanne abre uma série de discussões sobre *problemas de gênero*. Nesse sentido, a travestilidade de Paul, então assumida, está no cerne das discussões de gênero, o corpo ilegítimo e designado como degenerado para a sociedade cisheteronormativa. A queerização da personagem Paul/Suzanne mostra que mesmo sob qualquer processo de subjetivação, a sexualidade não é uma questão binária, limitada apenas à atração por homens ou mulheres. Tal como a personagem descobre no decorrer dos acontecimentos que a sexualidade é fluida, abrangente e complexa. Os corpos *queer*, como aponta Assis (2019), sugerem subjetividades em devir, ou seja, estão em movimento, mudança, processo de vir-a-ser. A existência ela é imutável, transposta por significados no presente e além, o que nos proporciona novas possibilidades de ser. Portanto, o novo ser de Paul/Suzanne não se encaixa no mundo heteronormativo e monogâmico de Louise e da sociedade burguesa da época, pois o corpo queer necessita de espaço e fluidez para existir longe das amarras socioculturais impostas a sua matéria.

BIBLIOGRAFIA

ANZALDÚA, Glória. **Queer(izar) a escritora - Loca, escritora y chicana**. Tradução de Tatiana nascimento. In: BRANDÃO, Izabel (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, 2017.

BUTLER, J. **Cuerpos que importam**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires, Paidós, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CRUCHAUDET, Chloé. **Degenerado**. Tradução Renata Silveira. 1ª ed. São Paulo: Nemo, 2020.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução Maíra Mendes Galvão. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.